

# PERFIL SEXUAL DE ADOLESCENTES UNIVERSITÁRIOS DE UM CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

SEXUAL PROFILE OF UNIVERSITY ADOLESCENTS OF A COURSE OF GRADUATION IN NURSING

PERFIL SEXUAL DE LOS ADOLESCENTES DE LA UNIVERSIDAD DE UN CURSO DE LA GRADUACIÓN EN EL OFICIO DE ENFERMERA

Priscila de Souza Aquino<sup>1</sup>  
Francisco Eduardo Viana Brito<sup>2</sup>

## RESUMO

Trata-se de um estudo descritivo, transversal, realizado com 79 adolescentes universitários do curso de enfermagem de uma universidade pública do interior do Piauí, no período de agosto a setembro de 2010. O objetivo foi caracterizar os adolescentes universitários quanto aos aspectos sociodemográficos e sexuais. O perfil dos adolescentes investigados foi ser do sexo feminino, solteiro, com renda individual mensal de até um salário mínimo, possuir idade média de 18,4 anos, não possuir filhos e coabitar com os familiares. Quanto aos comportamentos sexuais, verificou-se que a idade média da menarca foi de 12,2 anos e a da coitarca, 16,9. O preservativo foi o método mais difundido entre os adolescentes, seguido do anticoncepcional oral combinado. Dos que iniciaram a vida sexual, mais da metade relatou ter sido planejada. Assim, percebe-se que a implementação da saúde sexual e reprodutiva na adolescência deve ser considerada uma ação prioritária para eliminar os riscos a que os jovens estão propensos.

**Palavras-chave:** Adolescente; Comportamento Sexual; Enfermagem.

## ABSTRACT

This is a descriptive, transversal study, carried through with 79 adolescents university of nursing course in a Public University of the backlands of Piauí state, in the period of August to September of 2010. The objective was to characterize the adolescents university about to the sociodemographic and sexual aspects. The profile of the investigated adolescents was to be feminine, maiden, with individual monthly income to 1 minimum salary, with an average age of 18,4 years, not to possess children and to cohabit with the familiar ones. About to the sexual behaviors the average age of the menarche was 12,2 years and 16,9 years to the first sexual intercourse. The condom was the most referred method between the adolescents, followed by the combined oral contraceptive. Between the adolescents that had the sexual initiation more than half reported being planned. Thus, it is perceived that the implementation of the sexual and reproductive health in the adolescence must be considered a priority action to eliminate the risks the one that the current young is inclined.

**Key-words:** Adolescent; Sexual Behavior; Nursing.

## RESUMEN

Es un estudio descriptivo, transversal, realizado con 79 adolescentes universitarios del curso de enfermería en una universidad pública del interior del estado de Piauí, en el período de agosto a septiembre de 2010. El objetivo fue caracterizar los adolescentes universitarios sobre los aspectos sociodemográficos y sexuales. El perfil de los adolescentes investigados fue ser femenino, soltera, con el ingreso mensual hasta un salario mínimo, con una edad media de 18,4 años, no poseen niños y conviven con los familiares. Acerca de las conductas sexuales, la media de edad de la menarca fue 12,2 años y 16,9 años para la primera relación sexual. El condón es el método más mencionado entre los adolescentes, seguido por los anticonceptivos orales combinados. Entre los adolescentes que ya tenían la iniciación sexual más de la mitad reportaron haber sido planeado. Por lo tanto, se percibe que la aplicación de la salud sexual y reproductiva en la adolescencia debe ser considerada como una acción prioritaria para eliminar los riesgos a los que los jóvenes actuales se inclinan.

**Palabras clave:** Adolescente; Conducta Sexual, Enfermería.

<sup>1</sup> Enfermeira. Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora adjunta da Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: priscilapetenf@yahoo.com.

<sup>2</sup> Enfermeiro graduado pela Universidade Federal do Piauí-PI.

Endereço para correspondência – Rua Felinto Rezende n° 621 Piri-piri-PI, centro. CEP 64260-000. E-mail: eduardopiripiri@hotmail.com.

## INTRODUÇÃO

A sexualidade é um tema importante, especialmente no período da adolescência, considerando a relevância social conferida pela ocorrência de gravidez indesejada nessa fase da vida e pela possibilidade de exposição às infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e HIV. O conhecimento sobre os métodos contraceptivos (MAC) e os riscos advindos de relações sexuais desprotegidas é fundamental para que os adolescentes possam vivenciar o sexo de maneira adequada e saudável, assegurando a prevenção dos agravos acima mencionados.

A adolescência pode ser definida como o período da vida entre 10 e 19 anos de idade.<sup>1</sup> Essa fase da vida humana é compreendida entre a infância e a fase adulta, marcada por um complexo processo de crescimento e desenvolvimento biopsicossocial, sendo influenciada por fatores socioculturais, familiares e pessoais.<sup>2</sup>

Esse é um importante período do ciclo vital, visto que é nele que se desenvolve grande parte do processo de crescimento e desenvolvimento humano, em que se observa um acentuado amadurecimento corporal, significativas transformações emocionais, a construção de novas relações interpessoais, manifestações de novos sentimentos, atitudes, decisões, resultando na construção de uma identidade própria.<sup>3</sup>

Embora a sexualidade esteja presente em todas as fases da vida, é entre os adolescentes que se concentram os maiores questionamentos, dúvidas e preocupações. A vivência da sexualidade está diretamente relacionada à forma pela qual os valores e as práticas sociais são percebidas e incorporadas pelos sujeitos, refletindo as diferentes culturas que coexistem nas sociedades.<sup>4</sup>

O desenvolvimento sexual nesse grupo etário é entendido como meio de emancipação que pressupõe a autonomia de ação nessa fase da vida humana e em nada se assemelha à permissividade. A família, independentemente do modelo, é o locus de referência para a constituição da subjetividade e da identidade social das crianças e dos adolescentes.<sup>5</sup>

Muitas vezes, o desenvolvimento da sexualidade nem sempre é acompanhado de um amadurecimento afetivo e cognitivo, o que torna a adolescência uma etapa de extrema vulnerabilidade a riscos, os quais estão muito ligados às características próprias do desenvolvimento psicoemocional dessa fase da vida.<sup>6</sup>

Os adolescentes que iniciam a atividade sexual precocemente não se encontram preparados para assumir essa responsabilidade, considerando a imaturidade ou a inexperiência nessas questões, falta de acesso a informações, pelas características próprias dessa fase da vida, o que pode resultar em gravidez não planejada, abortos inseguros e aumento dos índices de IST/aids nesse grupo populacional.<sup>3</sup>

Diante disso, objetivou-se, neste estudo, caracterizar os adolescentes universitários quanto aos aspectos

sociodemográficos e sexuais. Percebe-se que investigar o perfil dos adolescentes universitários de um curso de graduação em enfermagem é pertinente, haja vista que informações de saúde, incluindo a saúde sexual e reprodutiva, são fornecidas a eles durante o curso, o que poderia contribuir para uma saudável vida sexual e reprodutiva.

Dessa forma, foi possível identificar se o curso de graduação influencia no processo de iniciação sexual e no uso do preservativo nas relações sexuais, já que lidam com questões de educação em saúde, planejamento familiar e prevenção de gravidez e ISTs.

## METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo transversal, desenvolvido com adolescentes regularmente matriculados em um curso de graduação em enfermagem, do 1º ao 5º período, de uma universidade pública na cidade de Picos – PI.

A população foi composta por 144 adolescentes, dos quais 79 aceitaram participar do estudo. O critério de inclusão consistiu em ser adolescente regularmente matriculado no curso de graduação em enfermagem. Os acadêmicos que se enquadravam no critério de inclusão cursavam até o quinto semestre do referido curso. Utilizou-se um questionário estruturado, contendo dados sociodemográficos e variáveis de comportamento sexual. A validação do questionário foi feita previamente, por meio de um teste piloto que envolveu dez adolescentes com as mesmas características dos sujeitos da pesquisa, porém estes não foram considerados no estudo.

Os dados foram coletados entre agosto e setembro de 2010, em sala de aula, após prévia autorização da instituição de ensino, bem como esclarecimentos verbais e escritos sobre a pesquisa e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os participantes. Os dados coletados foram tabulados no programa Microsoft Office Excel 2007 e analisados por meio do *Statistical Package for the Social Science* (SPSS), versão 17.0.

Todos os cuidados éticos foram adotados visando à integridade e ao bem-estar dos participantes, conforme estabelecido pela Resolução nº 196/96, do Ministério da Saúde. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Piauí (UFPI) sob Protocolo nº 0180.0.045.000-10.

## RESULTADOS

Os resultados foram apresentados na forma descritiva, segundo as variáveis pesquisadas. A TAB. 1 foi disposta com os dados sociodemográficos dos participantes, como idade, semestre em curso, sexo, renda individual mensal, estado civil, religião, coabitação e existência de filhos.

**TABELA 1 – Distribuição dos dados de caracterização sociodemográfica dos adolescentes entrevistados. Picos-PI – ago./set. 2010.**

Dados sociodemográficos	n	%
<b>Idade (em anos) (n=79)</b>		
17 anos	5	6,3
18 anos	34	43
19 anos	40	50,6
<b>Semestre em curso (n=79)</b>		
1º Semestre	31	39,2
2º Semestre	16	20,3
3º Semestre	13	16,5
4º Semestre	15	19,0
5º Semestre	4	5,1
<b>Sexo (n=79)</b>		
Masculino	14	17,7
Feminino	65	82,3
<b>Estado Civil (n=79)</b>		
Solteiro	74	93,7
Casado	1	1,3
União Consensual	1	1,3
Outros	3	3,8
<b>Renda (n=19)*</b>		
Até um Salário	15	79,0
De um a três Salários	3	15,7
Mais que 3 salários	1	5,3
<b>Moradia (n=79)</b>		
Família	42	53,2
Sozinho	2	2,5
Amigos	35	44,3
<b>Filhos (n=79)</b>	2	2,5
<b>Religião (n=79)</b>		
Católico	75	94,9
Evangélico	4	5,1

\*Responderam a esse item os adolescentes que possuíam emprego fixo ou temporário.

Fonte: Dados da pesquisa.

A idade dos adolescentes variou de 17 a 19 anos, porém a maior parcela dos jovens – 40 (50,6%) – referiu ter 19 anos, sendo a média de idade desses adolescentes de 18,4 anos. Quanto ao período em que se encontravam no momento da pesquisa, 31 (39,2%) adolescentes referiram estar cursando o primeiro período do curso.

Dos 79 adolescentes, 65 (82,3%) eram do sexo feminino. No que concerne ao estado civil, a maioria era solteira – 74 (93,7%).

Quanto à renda, 15 (79%) adolescentes relataram que recebiam até um salário mínimo. Ressalte-se que poucos responderam a esse item – apenas 19 (25,33%) –, pois tratava-se da renda individual mensal. Sobre a moradia, 42 (53,2%) jovens relataram que estavam morando com a família, enquanto 35 (44,3%) dividiam a moradia com

amigos. Quanto ao questionamento de ter filhos ou não, 77 (97,5%) referiram não ter filhos.

Os dados relativos à história sexual dos adolescentes, como idade da menarca (para as mulheres), parceiros sexuais, coitarca, planejamento da relação sexual, utilização de MAC, realização de exame ginecológico (para as mulheres), dentre outras informações, foram dispostas na TAB. 2.

**Tabela 2 – Distribuição dos dados referentes à história sexual de adolescentes acadêmicos de enfermagem. Picos-PI – set./out. 2010.**

Dados da história sexual	N	%
<b>Existência de parceiro fixo (n=79)</b>	24	30,4
<b>Tempo de parceria fixa (n=23)</b>		
Menos de 1 ano	8	34,7
Entre 1 e 3 anos	10	43,4
Mais de 3 anos	5	21,9
<b>Menarca (n=50)</b>		
Entre 9 e 10 anos	4	8
De 11 a 13 anos	41	82
De 14 a 15 anos	5	10
<b>Início da vida sexual (n=79)</b>		
Sim	44	55,7
Não	35	44,3
<b>Início sexual planejado (n=44)</b>		
Sim	26	57,7
Não	18	42,3
<b>Idade em que iniciou a vida sexual (n=42)</b>		
Até 14 anos	1	2,4
De 15 a 16 anos	16	38,2
De 17 a 18 anos	25	59,4
<b>Uso de MAC na primeira relação (n=44)</b>		
Sim	43	97,7
Não	1	2,3
<b>Parceiros sexuais na vida (n=44)</b>		
Até 2 parceiros	30	68,2
De 3 a 5	8	18,2
De 6 a 10	3	6,8
Acima de 10	3	6,8
<b>Parceiros nos últimos três meses (n=39)</b>		
Apenas 1	35	89,7
De 2 a 3	4	10,3
<b>MAC continuamente utilizado (n=53)</b>		
AOC	14	26,4
Coito Interrompido	6	11,3
Preservativo masculino	32	60,3
Anticoncepcional injetável	1	1,9

Fonte: Dados da pesquisa.

No que concerne à história sexual desses adolescentes pode-se destacar que apenas 24 (30,4%) possuíam parceiro fixo, dos quais 15 (65,3%) tinham parceiro havia mais de um ano. É importante salientar que nesta pesquisa foi considerado o namoro como um relacionamento fixo, constatado como a principal forma de ligação afetivo-sexual no grupo universitário pesquisado. Das 50 mulheres respondentes quanto à idade da menarca, 45 (90%) relataram ter até 13 anos de idade, com média de idade da menarca de 12,2 anos.

No contexto da iniciação sexual, 44 (55,7%) adolescentes entrevistados disseram que já haviam realizado a primeira relação sexual. Desses, 26 (57,7%) tiveram sua primeira relação planejada, um número ainda baixo quando se observa o risco de gravidez e IST em relações sexuais não planejadas.

Quanto à idade no momento da sua primeira relação sexual, 19 (42,5%) adolescentes referiram ter iniciado sua vida sexual aos 18 anos. Com isso, o intervalo mais prevalente de início da vida sexual foi de 17 a 18 anos – 25 (59,4%). A idade média da iniciação sexual foi de 16,9 anos.

Quando questionados se utilizaram algum método contraceptivo na primeira relação sexual, 43 (97,7%) adolescentes disseram ter usado algum MAC na sexarca. O método majoritariamente escolhido foi o preservativo masculino, referido por 43 (97,7%) adolescentes. Porém, ainda se observaram relatos de métodos não confiáveis na prevenção de gravidez e ISTs, como a coito interrompido e a tabelinha (Ogino-Knaus).

No contexto sobre o número de parceiros na vida, a maioria, 30 (68,2%) adolescentes, referiu ter tido no máximo até 2 parceiros. Ao serem abordados sobre o número de parceiros nos últimos três meses, o resultado não foi diferente, pois 35 (89,7%) relataram ter tido apenas um parceiro, enquanto que 4 (10,3%) tiveram de 2 a 3 parceiros nos últimos meses.

Com relação aos métodos contraceptivos continuamente utilizados pelos adolescentes, foram relatados 53, sendo o preservativo masculino o mais utilizado – 32 (60,3%). Ressalte-se que um respondente poderia referir mais de um método.

## DISCUSSÃO

A média de idade dos participantes do estudo foi de 18,4 anos, considerada fim da adolescência. Esses dados estão congruentes com estudo realizado com 295 jovens ingressantes de uma universidade de São Paulo, que evidenciou que a maior parcela dos adolescentes – 244 (82,7%) – esteve concentrada na faixa etária dos 18 aos 19 anos.<sup>6</sup>

Historicamente, o perfil da profissão de enfermagem é feminista. Já na década de 1980 havia predominância de mulheres entre os enfermeiros, correspondendo ao índice de 94,1%.<sup>7</sup> Os achados do estudo, dessa forma, estão condizentes com a literatura. Ademais, estudo realizado com 303 estudantes da área de saúde em

uma universidade pública cearense mostrou que 66% (200) dos adolescentes eram do sexo feminino, o que demonstra a crescente inserção feminina no mercado de trabalho.<sup>8</sup>

No concernente ao estado civil, percebeu-se que atualmente os jovens estão adiando cada vez mais o casamento e almejando, primeiramente, a formação profissional, já que 74 (93,7%) entrevistados disseram que estavam solteiros. Em estudo avaliando 952 estudantes universitários no Estado de São Paulo, foi relatado que 907 (95,3%) entrevistados eram solteiros.<sup>9</sup> Em outro estudo realizado com 764 estudantes universitários em uma universidade na cidade de Tunja, Colômbia, evidenciou-se que 725 (94,9%) dos entrevistados eram solteiros,<sup>10</sup> corroborando os achados desta pesquisa. O fato de serem solteiros pode representar uma vulnerabilidade a relacionamentos sexuais ocasionais ou risco de aquisição de ISTs/aids.

A baixa renda é um fato marcante no Brasil, presente em todas as regiões do país. Ressalte-se que poucos adolescentes responderam a essa questão, que investigava a renda individual mensal, provavelmente dada a ausência de renda própria ou por desconhecimento da renda dos pais.

A minoria dos adolescentes sujeitos à pesquisa demonstrou que trabalhava para completar sua renda, sendo a grande parte dependente da família para se manter na cidade em que residem. Já em estudo realizado na cidade de São Paulo com 295 adolescentes universitários, demonstraram-se que 231 (78,3%) trabalhavam para complementar sua renda e 110 (37,3%) adolescentes ganhavam entre seis e dez salários mínimos,<sup>6</sup> distanciando-se dos valores achados neste estudo.

O fato de residirem com família ou amigos é característico de cidades onde existem universidades públicas e há uma grande concentração de estudantes de outras regiões, o que favorece a migração de adolescentes para centros de estudo. Em pesquisa com 363 adolescentes, realizada no Acre, verificou-se que 190 (52,6%) adolescentes coabitavam com os pais, enquanto 66 (18,2%) coabitavam apenas com a figura materna.<sup>11</sup> Outro estudo realizado na cidade de São Paulo, com 383 adolescentes, 253 (66,3%) residiam com os pais.<sup>12</sup>

A gravidez na adolescência é um problema de saúde pública. Os adolescentes estão a cada dia iniciando suas atividades sexuais precocemente e sem nenhuma precaução para prevenir-se contra uma gravidez não planejada ou ISTs/aids. Os motivos pelos quais as adolescentes engravidam são diversos, destacando-se a falta de informação, fatores sociais, falta de acesso a serviços específicos para atender a essa faixa etária, dentre outros. Assim, o início cada vez mais precoce de experiências sexuais e a insegurança do adolescente em utilizar métodos contraceptivos são comuns na adolescência.<sup>13</sup>

Grande parcela dos sujeitos – 77 (97,5%) – referiu não possuir filhos no momento da pesquisa. Esses dados distanciam-se de outros achados, pois pesquisa realizada

com universitários cearenses demonstrou que 20,5% dos entrevistados já haviam engravidado.<sup>8</sup> Em outro estudo com 764 estudantes universitários, 126 (16,6%) mulheres já haviam engravidado ao menos uma vez.<sup>10</sup>

Com relação à religião, o catolicismo foi a mais amplamente difundida neste estudo, confirmando outros estudos em populações semelhantes.<sup>6,8</sup>

O que se presencia hoje é um dinamismo contínuo de parceiros. Os relacionamentos momentâneos representam uma grande parcela dos relacionamentos atuais de adolescentes, e a figura do parceiro fixo (namorado ou esposo) fica cada vez mais escassa. Neste estudo, constatou-se que poucos possuíam parceiro fixo.

Em estudo realizado na cidade de São Paulo com 952 adolescentes universitários observou-se que 723 (76%) jovens haviam tido algum tipo de relação sexual, dentre os quais 647 (68%) possuíam parceiro fixo.<sup>14</sup>

A menarca constitui um importante elemento definidor da passagem da infância para a adolescência, independentemente do seu segmento social, caracterizando-se como um dos poucos ritos de passagem que ainda permanece valorizado na sociedade moderna.<sup>10</sup> Neste estudo, a média de idade da menarca foi 12,2 anos. Alguns estudos mostram relação entre a menarca precoce e o início da atividade sexual,<sup>3</sup> sendo, neste estudo, a média de idade da primeira relação 4,7 anos mais tarde que a menarca.

Estudos apontam que a idade da menarca vem diminuindo cerca de quatro meses a cada década, encontrando-se, atualmente, na faixa etária de 12,5 a 13 anos. A redução da idade da menarca serviria para um despertar mais cedo da sexualidade e, conseqüentemente, para a possibilidade de experimentar a gravidez em idade cada vez menor.<sup>3</sup> Em pesquisa realizada em Cruzeiro do Sul-AC, verificou-se que a idade média da menarca de 363 adolescentes entrevistados foi de 12,5 anos.<sup>11</sup>

Com a precocidade da menarca e a grande oportunidade para manter relações sexuais, em razão do estilo de vida atual e dos estímulos do meio em que se vive, cada vez mais a iniciação sexual tem ocorrido de forma mais precoce.<sup>2</sup>

No contexto da iniciação sexual dos adolescentes submetidos a este estudo, uma pequena maioria – 44 (55,7%) – relatou que já havia realizado sua primeira relação sexual. Desses, 18 (42,3%) adolescentes tiveram a iniciação sexual não planejada, número elevado considerando-se os riscos advindos desse tipo de relação.

Em estudo realizado em uma universidade pública paulista, que contou com a participação de 295 ingressantes na graduação, 144 (48,8%) adolescentes universitários já haviam iniciado as atividades sexuais, e percebeu-se que a maioria – 119 (83,2%) – não foi planejada.<sup>6</sup> Esses achados confirmaram com os deste estudo, no qual a maioria referiu ter iniciado a vida sexual de forma planejada.

Com base nessas considerações, é necessário que se tenha conhecimento sobre a idade mais frequente da iniciação sexual dos adolescentes, para que ações de promoção da saúde sexual e reprodutiva antes de um relacionamento sejam elaboradas, com a intenção de criar atitudes que reduzam os riscos do sexo desprotegido e promovam o início da vida sexual mais saudável e seguro.<sup>2</sup>

No referente à sexarca, constatou-se a idade média de iniciação sexual aos 16,9 anos. Em estudo realizado com adolescentes no Estado do Piauí, a maior faixa em que ocorreu a iniciação sexual foi entre 14 e 15 anos de idade.<sup>2</sup> Estudos demonstraram que os adolescentes universitários tendem a iniciar a vida sexual próximo ao ingresso na universidade, por volta dos 16 aos 18 anos.<sup>8</sup>

No contexto da iniciação sexual, deparamo-nos com uma situação essencial: o uso do preservativo. Segundo estudiosos, o uso do preservativo é frequente na primeira relação sexual, entretanto apresenta descontinuidade e negligência, pois a contracepção é cercada de descuidos, erros e esquecimentos.<sup>15</sup> Em contrapartida, o fato de usar o preservativo na sexarca aumenta a probabilidade de uso nas demais relações, o que é de extrema importância, pois a continuidade dessa prática no intercurso da vida sexual nos leva a reforçar a necessidade de uma orientação contínua para a saúde sexual.

Neste estudo, o método contraceptivo na primeira relação sexual foi utilizado por 43 (97,7%) adolescentes. O método majoritariamente escolhido foi o preservativo masculino. Esse dado é considerado satisfatório quando comparado aos de outros estudos semelhantes, apesar de se observar relato de uso do método da tabelinha na primeira relação sexual.

Em estudo realizado no Estado do Piauí, em colégios agrícolas, a expressiva maioria fez uso de método anticoncepcional na primeira relação sexual, com um total de 459 (70,4%) homens e 489 (75%) mulheres. O método majoritariamente escolhido pelos adolescentes foi o preservativo, com 100% apontado pelo sexo masculino e 91,6% pelo sexo feminino.<sup>2</sup>

O uso do preservativo é determinado por fatores não somente de ordem sociocultural, como também de ordem situacional e individual. Ao analisar os fatores que apareceram associados ao uso do preservativo, observa-se que o pertencimento social e a idade da iniciação sexual exercem forte influência em ambos os sexos.<sup>15</sup>

A utilização de MAC por parte dos jovens é inconsistente, tendo em vista que o comportamento contraceptivo nessa fase é definido, principalmente, pelo envolvimento afetivo-amoroso. No namoro ou em um relacionamento mais estável, os jovens não sentem necessidade de negociar o uso de preservativos, pois nessa etapa a preocupação está direcionada à prevenção da ocorrência de gravidez. Quando se trata de relacionamentos ocasionais, existe uma tendência em utilizar o preservativo masculino, pois a preocupação é relativa à proteção contra as ISTs/aids.<sup>16</sup>

A respeito do comportamento sexual e reprodutivo de jovens brasileiros, no público masculino, as principais razões alegadas para a não utilização do método contraceptivo na iniciação sexual são a falta do preservativo na hora da relação sexual, a falta de informação, orientação e o não pensar no assunto. Entre as mulheres, a confiança no parceiro é um dos principais argumentos.<sup>17</sup>

Os dados deste estudo remetem à reflexão de que os adolescentes entrevistados afirmaram ter iniciado as atividades sexuais, poucos apresentaram parceiros fixos e os achados denotaram que esses adolescentes estão mantendo relações sexuais com parceiros eventuais, o que lhes traz riscos.

## CONCLUSÃO

Os dados foram esclarecedores e concluiu-se que os adolescentes entrevistados necessitam de ações de educação em saúde para promover a saúde sexual, uma vez que apresentaram riscos de aquisição de ISTs,

bem como gravidez não planejada. Apesar de fazerem parte de um grupo populacional distinto, com acesso facilitado a informações de saúde, muitas vezes não adotam comportamentos saudáveis.

Dessa forma, percebe-se que a realidade dos adolescentes da graduação em enfermagem não está distante da realidade dos demais adolescentes, vulneráveis à negociação contínua do preservativo e aos relacionamentos sexuais inseguros.

Conhecer a realidade desses adolescentes é de grande relevância para o direcionamento das ações dos próprios professores ao ministrar as disciplinas voltadas para a saúde sexual, bem como planejar ações de educação em saúde fora do ambiente universitário. Ressalte-se, porém, a necessidade de realização de novos estudos a fim de esclarecer se a realidade encontrada na pesquisa é semelhante à de outros adolescentes universitários de distintas universidades. Outra limitação do estudo refere-se à população de adolescentes, podendo ser expandido aos demais alunos de enfermagem.

## REFERÊNCIAS

1. World Health Organization. Adolescent Friendly Health Services. Geneva: WHO; 2002. [Cited 2010 Jun. 20]. Disponível em: < [http://whqlibdoc.who.int/hq/2003/WHO\\_FCH\\_CAH\\_02.14.pdf](http://whqlibdoc.who.int/hq/2003/WHO_FCH_CAH_02.14.pdf)>.
2. Mendonça RCM, Araújo TME. Métodos contraceptivos: a prática dos adolescentes das escolas agrícolas da Universidade Federal do Piauí. Esc Anna Nery Rev Enferm. 2009; 13(4): 863-71.
3. Oliveira DC, Gomes AMT, Pontes APM, Salgado LPP. Atitudes, Sentimentos e Imagens na representação social da sexualidade entre adolescentes. Esc Anna Nery Rev Enferm. 2009; 13(4): 817-23.
4. Melo ASAF, Santana JSS. Sexualidade: concepções, valores e condutas entre universitários de biologia da UEFS. Rev Baiana Saúde Pública. 2005; 29(2):149-59.
5. Pereira JL, Fanelli CMT, Pereira RCR, Rios SPS. Sexualidade na adolescência no novo milênio. Rio de Janeiro: UFRJ; 2007.
6. Alves AS, Lopes MHBM. Conhecimento, atitude e prática do uso de pílula e preservativo entre adolescentes universitários. Rev Bras Enferm. 2008; 61(1):11-7.
7. Lopes MJM, Leal SMC. A feminização persistente na qualificação profissional da enfermagem brasileira. Cad Pagu. 2005; 24(1):105-25.
8. Lopes EM, Freitas LV, Falcão Júnior JSP, Rabelo STO, Pinheiro AKB, Ximenes LB. Uso de métodos contraceptivos e incidência de gravidezes entre universitários da área de saúde. Anais XI Encontro Nacional dos Grupos PET. Florianópolis, Brasil; 2006. p.16-21.
9. Pirrota KCM, Schor N. Intenções reprodutivas e práticas de regulação da fecundidade entre universitários. Rev Saúde Pública. 2004; 38(4): 495-502.
10. Manrique-Abril FG, Diaz JMO. Practicas y comportamientos sexuales en estudiantes universitarios. Av Enferm. 2007; 25(2): 101-11.
11. Rocha MIF. Adolescência e anticoncepção: conhecimento e uso de métodos anticoncepcionais por estudantes da zona urbana de Cruzeiro do Sul, AC [dissertação]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Saúde Pública; 2010.
12. Borges ALV. Adolescência e vida sexual: Análise do início da vida sexual de adolescentes residentes na zona leste do município de São Paulo [tese]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Saúde Pública; 2004.
13. Vieira LM, Saes SO, Dória AAB, Goldberg TBL. Reflexões sobre a anticoncepção na adolescência no Brasil. Rev Bras Saúde Materno Infant. 2006; 6(1):135-40.
14. Pirrota KCM. Não há guarda chuvas contra o amor. Estudo do comportamento reprodutivo e de seu universo simbólico entre jovens Universitários da USP [tese]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de saúde Materno Infantil; 2002.
15. Texeira AMFB, Knauth DR. Adolescentes e uso de preservativos: as escolhas dos jovens de três capitais brasileiras na iniciação e na última relação sexual. Cad Saúde Pública. 2006; 22(7): 1385-96.
16. Viegas-Pereira APF. Aids. Prevenir é tão fácil quanto pegar? Um estudo sobre os fatores que determinam o uso de preservativo entre adolescentes na era da Aids. [dissertação] Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional; 2000.
17. Brasil. Ministério da Saúde. Anticoncepção de emergência: perguntas e respostas para profissionais de saúde. Área Técnica de Saúde da Mulher. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2005.

Data de submissão: 13/9/2011

Data de aprovação: 13/6/2012